

# POR UMA META-TEOLOGIA PARA O ESCLARECIMENTO DE FALSAS NOTÍCIAS (*FAKENEWS*) NO PÓS-PANDEMIA POR COVID-19: CONHECER PELA CAUSA ADEQUADA (NATURAL) DAS COISAS

*A META-THEOLOGY TO CLARIFY FALSE NEWS (FAKENEWS) IN THE POST-PANDEMICS BY COVID-19: TO KNOW ABOUT THE PROPER (NATURAL) CAUSE OF THINGS*

Wiltonn William Leite <sup>1</sup>

## RESUMO

A partir do livro *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno, este ensaio procura discutir o conceito do termo esclarecimento, criado com o Iluminismo. Agrega nesta análise-síntese outros textos como os de Bento Espinosa, Melanie Klein, Wilfred Bion, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Sigmund Freud. Com o conhecimento adequado de uma ideia, por elementos constituintes e por sua identificação adequada enquanto uma ideia verdadeira – ter essa compreensão como referência para a possibilidade de se identificar uma informação como falsa ou não verdadeira – como uma *fakenews*.

**Palavras-chave:** Notícias falsas. Esclarecimento. Causa adequada.

## ABSTRACT

Based on the book Theodor Adorno's *Dialectic of Enlightenment*, this essay seeks to discuss the concept of the term enlightenment, created with the Age of Reason. Analysis-synthesis, other texts by Bento Espinosa, Melanie Klein, Wilfred Bion, Theodor Adorno, Max Horkheimer and Sigmund Freud. With adequate understanding of an idea is by its constituent elements and by its proper identification as a true idea – having this kind of clarification as reference for the possibility of identifying an information as false or not true – as a *fakenews*.

**Keywords:** Fakenews. Clarification. Adequate cause.

## 1 INTRODUÇÃO

Nunca se teve tanto acesso a informações; nunca estivemos tão informados. Nunca se teve tanto acesso a desinformações; nunca estivemos tão desinformados. Estamos vivendo um período histórico no qual se tornou muito difícil saber quem está dizendo a verdade – saber quem está os informando sobre a realidade das coisas, de uma situação qualquer por nós vivida. Temos sido expostos a falsas notícias (*fakenews*) de todos os matizes. Com o advento da pandemia pela Covid-19, a necessidade de se procurar diferenciar e identificar o que há de verdadeiro e falso em uma notícia tornou-se cada vez mais premente e difícil. Esse esforço e trabalho atingiu a ciência principalmente a área da ciência médica onde tivemos com conviver com ideias contrárias, contraditórias e excludentes – todas se dizendo e se apresentando como baseadas na “ciência” – ciência esta que parece ter perdido o seu caráter científico de aceitar a discussão profunda dos fatos a procura do esclarecimento do real. Vimos o retorno ao argumento falacioso da autoridade o que só trouxe mais confusão no esclarecimento adequado do que realmente estava acontecendo no mundo.

---

<sup>1</sup> Médico Psiquiatra pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicoterapeuta Kleiniano pela UFRGS. Mestre em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do RS ( PUCRS). Pesquisador em Filosofia e Psiquiatria da Religião pela UFRGS.

Como sair deste impasse? Como diferenciar o real do fantasiado? Como diferenciar o verdadeiro do falso? Como esclarecer e descrever a perfeição encontrada na realidade em qualquer situação por nós vivida?

Qual o significado da palavra esclarecimento? O que é esclarecimento? Esclarecimento e entendimento são uma só e mesma coisa? A partir de um século – o século XXI – que a todos parece ter se iniciado morto – depois de duas expressões humanas limites naturais no século anterior – as duas guerras ditas mundiais – nas quais o que o homem é se desnuda com uma plenitude pristínica – e, com consequências que ainda repercutem nos dias atuais – procurar compreender como pode o homem conhecendo-se, conhecer o universo das coisas – iluminando-se – real e perfeitamente iluminando-se – deixar finalmente para trás as sobras do pensamento místico ou mitológico para simplesmente conhecer a realidade das coisas em sua perfeita expressão como se apresentam em ato no instante presente.

Pode-se imaginar a seguinte dialética transecular – transcendental – imanente a *Deus sive Natura*<sup>2</sup> – onde tudo o que existe sempre existe em ato:

ESPINOSA – O que você chama de esclarecimento?

ADORNO – O entendimento é o que vence a superstição e o que deve imperar sobre a natureza desencantada. (ADORNO, 1985, p. 18).

ESPINOSA – Como? Imperar sobre a natureza não é outra superstição? O que você entende por natureza que precisa ser desencantada? Não consigo pensar ou intuir algo que possa ser uma natureza encantada que precisa ser desencantada. A natureza não é apenas e simplesmente a natureza? Não consegui seguir o que você fala. Vejo que você está perdido em meio a infinitas palavras sem qualquer significado em Deus. Adeus!

A saída é pela dialética? – qual dialética: a de Hegel? ou outra dialética qualquer será empregada? A metafísica pode ajudar? Deus pode ajudar? Qual deus? Zeus? A filosofia, em sua história evolutiva, primeiro destrói a teologia e, na sequência a metafísica, a ontologia, a lógica, a epistemologia, o diálogo, a dialética e no final, o resultado é que já não se sabe o que é o *ethos* natural do universo das coisas no universo das coisas. E, assim, destrói a ética. Portanto, não é necessário ressuscitar ou repensar todos estes aspectos do pensamento? Pense-se! neste ensaio que sim. Nunca, como hoje, é necessário que se faça uma emenda (uma reforma) do intelecto humano – uma medicina da mente humana – sempre adiado pelo ser humano – o *ανθρώπινο ον*<sup>3</sup> – para que o único e verdadeiro esclarecimento seja real, natural, perfeito e finalmente iluminado – seja precisamente como proposto por Espinosa em 1662.

Quanto! tempo perdido – este é o natural do homem: perde o seu tempo com infinitas discussões inúteis – com um diálogo preso às palavras, à linguagem sem procurar entender o imanente significado em Deus da coisa simbolizada na dita palavra – na palavra dita – na linguagem. O homem por medo de sua eterna solidão – mantém-se solitário na barulhenta multidão que fala, mas não diz nada. Por medo da solidão, faz-se só em si mesmo.

O homem pensando ter abandonado a *Deus sive Natura* – pensando ter criado um Império dentro de um Império – construiu uma prisão na ignorante pretensão de saber por superfícies conceituais – o que o imobiliza na compreensão inadequada de si, do mundo, do universo inteiro das coisas, de Deus. Pensando-se Senhor, não consegue ver e apreender que se fez escravo. Pobre! pequeno ser insignificante.

Em sua nota preliminar no início do livro *Dialética do Esclarecimento* de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, o tradutor Guido Antônio de Almeida comenta que o sentido da palavra esclarecimento tanto em alemão quanto em português tem o mesmo significado: “processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática.” (ADORNO, 1985, p. 7). Guido Almeida também, ao se referir a Kant, afirma

<sup>2</sup> Como o filósofo Espinosa denomina Deus: Deus ou Natureza.

<sup>3</sup> Ser humano enquanto grego.

que esse define esclarecimento como “um processo de emancipação intelectual resultando, por um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro lado, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente inferiores por seus maiores.” (ADORNO, 1985, p. 7). É o “desencantamento do mundo” – processo no qual o homem se liberta de suas imaginações que projeta e se identifica no seu mundo exterior – libertando-se, assim, dos poderes místicos da natureza, os quais, na verdade, só existiram em seu próprio fluxo mental. (ADORNO, 1985, p. 8).

Voltamos à questão: o que significa esclarecimento? Qual é a *quididade* do esclarecimento? O que é? – o que é esclarecimento? Uma palavra aparentemente tão simples que confunde o homem que se dizendo entendido ou esclarecido, fecha-se neste conceito, deixando ficar em suas fantasias ou fantasmas de um imaginado conhecimento que em nada difere do que pretendia se distanciar.

Tem-se como bússola o que Bento Espinosa propõe em seu *Tratado da Emenda do Intelecto* – conhecer as coisas como elas realmente são tendo em mente a definição seis de seu livro *Ética II* – EIID6: “por realidade e por perfeição compreendo a mesma coisa”. (Espinosa, 2008, p. 81).<sup>4</sup> Para Bento Espinosa Deus é a própria Natureza ou a própria Vida.<sup>5</sup>

## 2 ESCLARECIMENTO: CONHECER POR CAUSA ADEQUADA

Bento Espinosa em *De Origine et Natura Affectuum*, livro terceiro da *Ética*, define causa adequada:

[...] chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. (ESPINOSA, 2008, EIID6, p. 163).

Complementa:

[...] digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial. (ESPINOSA, 2008, EIID6, p.163).

Causa adequada é a causa motora-material. Neste ensaio, é entendida no sentido aristotélico, ou seja, a causa adequada de algo é a causa motora deste algo acrescida da causa material deste algo. A causa motora é a causa eficiente, formal, final de algo – a causa material informa a essência material deste algo. A causa motora-material ou causa adequada – é o que é, por seu movimento e, assim como dito por Espinosa, explica sua existência e, o que é enquanto o seu não movimento explica a sua não existência. A causa motora de algo acrescida de sua causa material – corresponde ao conceito de causa adequada espinosano que inclui os dois atributos conhecidos de Deus: a extensão e o pensamento.<sup>6</sup>

Como Deus (Natureza ou Vida) é a causa eficiente e imanente de todo o universo (ESPINOSA, 2008, EIP18, p. 43), todos os modos do mundo se seguem necessariamente de

---

<sup>4</sup> Modo de fazer referência ao livro *Ética* de Bento Espinosa – E: *Ética*; número em romano: livro dentro do livro *Ética*; letra: D-definição, P-proposição. Por exemplo, EIID6: leia-se *Ética* livro dois, definição 6 ou EIP18, *Ética* livro um, proposição 18. Deste modo o leitor facilmente localiza a citação diretamente no próprio texto do livro *Ética* de Espinosa visto que assim este se apresenta organizado.

<sup>5</sup> Toda vez que o termo Deus for referido pode ser trocado por Natureza ou Vida.

<sup>6</sup> Pensamento desenvolvido pelo autor desse ensaio ensaísta em suas pesquisas.

sua essência absolutamente infinita (ESPINOSA, 2008, EIP16, p. 37), não enquanto Deus é infinito e eterno, mas enquanto considerado como afetado em seus atributos (ESPINOSA, 2008, EIP9, p. 91). Deus ao se exprimir nos modos por seus atributos não se separa deles, não lhes é externo: exprime-se na coisa em si mesmo e essa coisa o exprime (ESPINOSA, 2008, EIP15, p. 31). Chauí afirma, em seu livro *Desejo Paixão e Ação na Ética de Espinosa*, que o homem e

[...] tudo o que existe, portanto, possui causa determinada e necessária para existir e ser tal como é: é da essência dos atributos causar necessariamente as essências e potências de todos os modos e encadear ordenadamente as leis causais universais que regulam a existência e as operações desses modos; e todos modos, porque exprimem a potência universal da substância, são também causas que produzem efeitos necessários. Isto significa que nada há de contingente no universo e que tudo é necessário. Há um ser necessário por sua própria natureza ou por sua essência – Deus – e há seres necessários pela causa – os seres singulares, efeitos imanentes da potência necessária de Deus. (CHAUÍ, 2011, p. 71).

O homem existe na Natureza. Ele é um modo finito na e pela substância: o homem é uma coisa singular determinada a existir e operar conforme lhe ordena a substância (Deus ou Natureza ou Vida) (ESPINOSA, 2008, EIP26, p. 49), porque Deus não é apenas a causa pela qual as coisas existem, mas também pela qual perseveram no existir (ESPINOSA, 2008, EIP24c, p. 47). Deus, não enquanto infinito ou eterno, senão como enquanto modificado (ESPINOSA, 2008, EIP9, p. 91), pois

[...] nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa última causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra, a qual também é finita e tem uma existência determinada, e assim por diante, até o infinito. (ESPINOSA, 2008, EIP28, p. 51)

Espinosa em *De Deo* (2008, EIP33, p. 57) afirma que “as coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em foram produzidas”, portanto os modos finitos são produzidos necessariamente por Deus de e em uma única maneira e em única ordem. Espinosa (2008, EIP16, p. 37) também diz “da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras”, isto é, a causa da existência das coisas é a essência de Deus porque somente à essência da substância, à essência divina, pertence o existir (ESPINOSA, 2008, EIP14c, EIP24c, p.31-47). Não pertence à essência das coisas produzidas por Deus a existência (ESPINOSA, 2008, EIP24, p. 47); pois “quer as coisas existam ou não, toda vez que consideramos sua essência, descobrimos que ela não envolve nem a existência nem a duração”.

Os modos finitos (as coisas que existem no mundo manifesto) exprimem a essência da substância (Deus ou Natureza ou Vida) por seus atributos modificados por suas leis eternas (ESPINOSA, 2008, EIP9, p. 23), e, é exatamente por exprimir-se por uma afetação da substância que não é a sua própria essência de modo finito que pode ser a causa de sua existência nem de sua duração, mas apenas Deus. Somente à natureza divina pertence o existir (ESPINOSA, 2008, EIP24c, p. 47). A essência atual de um modo finito, de um homem ou de uma pedra, seu “*conatus*”, está na dependência (interdependência) dos outros modos finitos (ESPINOSA, 2008, EIP28, p. 51). Pode-se deduzir, então que o homem e a pedra devem sua existência de homem e de pedra a Deus enquanto sua essência eterna e infinita e, o homem e a pedra devem o modo determinado e definido pelo qual exprimem essa natureza da substância em um definido e determinado homem e uma definida e determinada pedra a Deus enquanto

suas leis divinas exprimem, ordenam e regem a expressão da natureza da substância (da Vida) como coisa definida e determinada no mundo dos modos finitos, no mundo manifesto ou no universo o que depende das coisas nele existentes (ESPINOSA, 2008, EIP28, p. 51).

O conceito de causa adequada se associa novamente ao conceito de causa de si mesma, isto é, a Deus ou Natureza ou Vida. Deus é a única substância, causa imanente de si mesmo (ESPINOSA, 2008, EIP14, p. 29), causa eficiente imanente de todo universo (ESPINOSA, 2008, EIP18, EIP25, p. 43-49). O universo é determinado necessariamente pelas leis eternas de Deus ou Natureza a ser e a existir tal como o universo é e existe (ESPINOSA, 2008, EIP33, p. 57) e a operar como opera (ESPINOSA, 2008, EIP27, p. 49). Ao se exprimir, Deus exprime o universo inteiro por suas leis eternas; assim sendo, em seu *Breve Tratado de Deus, do Homem e de seu Bem-estar*, Espinosa (2012, p. 71) escreve que

*Deus é uma causa principal das obras que criou imediatamente, como é o movimento na matéria [...] nas quais não cabe a causa menos principal já que essa sempre se encontra nas coisas particulares, como quando Ele seca o mar por um forte vento, e assim sucessivamente, em todas as coisas particulares que existem na Natureza. A causa menos principal-inicial não se dá em Deus, porque fora d'Ele nada há que o possa coagir. Por outro lado, a causa predisponente é sua própria perfeição, em virtude da qual é causa de si mesmo e, por consequência, de todas as outras coisas. [...] Deus ou Natureza ou Vida é a causa próxima das coisas que são infinitas e imutáveis, e das quais dizemos que foram criadas imediatamente por Ele; porém, em certo sentido, Ele é a causa última de todas as coisas particulares (ESPINOSA, 2012, KV I iii § 8, p. 71).<sup>7</sup>*

### 3 HUMANO: ESTRITAMENTE HUMANO

No prefácio de *Dialética do Esclarecimento*, encontra-se a seguinte afirmação: “o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.” (ADORNO, 1985, p. 11). Mas o que este tal verdadeiro humano? Não será a barbárie, o verdadeiro humano? Tem-se imediatamente que se perguntar: qual é o significado de humano? De quem é esta dita barbárie? De alguma pedra? De Deus? Penso! que essa barbárie é do homem – estritamente do homem – a barbárie é estritamente humana.

O homem morrendo de medo de seu possível-necessário aniquilamento pela morte – enlouquecido – parece se atirar compulsivamente aos braços de Tânatos – a deusa morte – e, assim, ele se perde no abraço com sua própria pulsão à morte. (FREUD, 1976, p. 17). Por não suportar um sofrimento psíquico inevitável, constrói uma fortaleza de maldades onde se aprisiona a si mesmo consigo mesmo – com seus fantasmas inconscientes. Por quer mudar o imutável, desconhece a bela perfeição das coisas existentes por si mesmas na realidade do universo inteiro. É da natureza humana o medo – e para alguns – é natural o não suportá-lo, projetando no outro – no mundo – que assim, deixa de ser visto como o mundo é ou como o outro é em si mesmo – para ser erradamente percebido pela imagem monstruosa construída pelo homem por sua projeção no outro – no mundo. Cega-se! o homem. O medo lhe impede o conhecimento adequado das coisas por criar por projeção (identificação projetiva) deste medo nas coisas um monstro coisa-medo com o qual não sabe lidar. Apesar de Freud afirmar que

---

<sup>7</sup> Novamente é empregada o modo tradicional de fazer referências aos livros de Bento Espinosa. Leia-se a referência KV I iii § 8: KV como Breve Tratado (Korte Verhandeling) de Deus, do homem e do seu bem-estar; I como primeira parte do Breve Tratado; iii como capítulo terceiro e § como artigo, no caso, artigo 5 e 8. Também aponta-se a página onde se encontra a citação no Breve Tratado.

[...] susto, medo e ansiedade são palavras impropriamente empregadas como expressões sinônimas, [não o são]. A ansiedade descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O medo exige um objeto definido de que se tenha temor. Susto, contudo, é o nome que damos estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele [...] (FREUD, 1976, p. 23).

o homem tem o terror de ser um dia aniquilado – e um dia será – por alguma causa desconhecida que o levará à morte. Como Freud afirma, há, talvez, um homem que possa estar preparado para pensar o susto-ansiedade-medo de forma adequada. Quem é este homem? Quem é este homem resiliente com sua imanente natureza?

Este homem é aquele que conseguiu entrar na fase depressiva do desenvolvimento psíquico humano – quando saindo da visão dicotômica decorrente da cisão de si e do mundo pela posição esquizoparanoide – passa a ver a si mesmo e ao mundo como coisas inteiras – sem a fantasia infantil da existência no mundo de um bem e de um mal à priori. (KLEIN, 1991, p. 85-118). O equilíbrio é tênue – e, se estabelece nos primeiros meses de vida. Melanie Klein – ao se referir à posição depressiva que se desenvolve a partir do terceiro mês de vida – escreve que

[...] os processos de síntese operam sobre todo o campo das relações de objeto externas e internas. Compreendem os aspectos contrastantes dos objetos internalizados (o superego primitivo) de um lado e dos objetos externos de outro. Mas o ego é também levado a diminuir a discrepância entre o mundo externo e o interno, ou melhor, entre as figuras externas e internas. (KLEIN, 1991, p. 97).

Com isso, ocorre a integração do ego – devido a maior clareza na compreensão tanto dos eventos externos como dos eventos internos que por ventura tenham sido excindidas do ego para o mundo externo. Há o retorno ao eu o que é do eu. Com a integração o mundo já não é dividido ou clivado em um mundo bom que ama e um mundo mau que odeia: com a integração e síntese do eu (se é que existe isto que se chama de eu) aparece – pela existência de apenas um objeto que é bom e mau, inteiro ou nem bom e nem mau – claramente o conflito de amor e ódio dirigido a um único e mesmo objeto – a uma única e mesma pessoa – ele mesmo ou o outro. Para elaborar tão intenso conflito o ego tem que se manter integrado; caso, contrário, ao retorno à posição anterior do desenvolvimento psíquico com a novamente partição das coisas em seus opostos – o que só existe na mente humana – o que nunca foi encontrado na natureza das coisas no universo inteiro das coisas. A natureza é a natureza – exatamente como, por Deus, esta natureza é causada –; quem qualifica ou julga o que existe é o homem – o que só lhe fez ou imaginar-se senhor de um império inexistente – ou escravo de algo que nunca sabe com precisão identificar e definir. Klein escreve

[...] a ansiedade depressiva e o sentimento de culpa resultante alternam-se não apenas em quantidade, mas também em qualidade. A ambivalência é agora vivenciada predominantemente em relação a um objeto completo. O amor e o ódio aproximam-se muito e o seio bom e o mau, a mãe boa e a mãe má, não podem mais ser mantidos separados [...]. Embora o poder dos impulsos destrutivos diminua, esses impulsos são sentidos como um grande perigo para o objeto amado [...]. (KLEIN, 1991, p. 97).

As pessoas reproduzem em suas vidas adultas essas vivências infantis – principalmente as mais traumáticas que impõem um represamento da libido. (FREUD, 1976, p. 36). Há uma tendência natural à repetição no funcionamento natural e normal do cérebro humano. Muitas de nossas atividades – como andar, comer, andar de bicicleta, dirigir ou, até mesmo, falar – uma vez, aprendidas – boa parte de seu funcionamento se dá por processos automáticos

inconscientes, onde pouco ou nada se encontra a partir de uma decisão consciente do sujeito. Como dito, anteriormente, da fala ou mesmo do pensamento, a maioria das palavras pensadas ou ditas são automaticamente escolhidas por áreas automáticas do sistema nervoso central sem qualquer intervenção da consciência. Quanto às coisas conscientes, subconsciente ou inconsciente no sentido psicanalítico, a compulsão à repetição – como esse mecanismo fora denominado por Freud – mais é visível nesta teatralização do anterior vivido agora no momento da existência em ato. Mesmo situações dolorosas, tendem – quem sabe para tentarem uma forma de alívio para o sofrimento associado a sua lembrança – a se repetir como o indivíduo afetivamente as interpretou e não como estas situações realmente aconteceram.

O ser, o existir e o atuar do homem estão relacionados ao modo pelo qual ele interpreta (pensamento-mente-alma) as afecções que o mundo externo produz sobre si mesmo – sobre seu corpo (ESPINOSA, 2008, EIIP9, p. 91). O ser, o existir, o operar e o atuar, o viver do homem estão relacionados com a ideia da afecção do corpo humano pelo universo externo onde ele em ato vive (ESPINOSA, 2008, EIIP19, p. 113). E, quanto mais um homem for afetado pelo seu mundo externo, mais rica será a sua alma – quanto mais conhecer ou compreende adequadamente as afecções de seu corpo – mais sua alma é adequada. Há uma tendência a homeostase – há uma tendência à estabilidade – procurando o grau de excitação constante (FREUD, 1976, p. 19) – e, pela plasticidade neuronal – as células neuronais tem grande capacidade de resiliência, ou seja, há uma tendência natural para que a vida se mantenha como deve necessariamente ser mantida em decorrência de sua carga genética e de suas influências ambientais. Há uma tendência ao *conatus* (EIIP28) – da coisa, enquanto em si, perseverar em seu ser.

Espinosa (2008, EIIP55, p. 227) afirma: “quando a mente imagina sua impotência, por isso mesmo, ela se entristece.” No escólio desta mesma proposição tem-se

[...] essa tristeza, acompanhada das ideias de nossa debilidade, chama-se humildade. Em troca, a alegria que provém da consideração de nós mesmos chama-se amor próprio ou satisfação consigo mesmo. E, como essa alegria se renova cada vez que o homem considera suas próprias virtudes, ou seja, sua própria potência de agir ocorre também que cada um se compraz em contar seus feitos e em exhibir suas forças, tanto as do corpo quanto as do animo, o que torna os homens reciprocamente insuportáveis. Disso se segue ainda que os homens são, por natureza, invejosos, ou seja, eles se enchem de gáudio com as debilidades de seus semelhantes e, por outro lado, se entristecem com as suas virtudes. Com efeito, cada vez que alguém imagina suas próprias ações é afetado por alegria, que será tanto maior quanto maior for o grau de perfeição que essas ações exprimem e quanto mais distintamente as imaginar, isto é, quanto mais puder distingui-las das outras e considera-las como coisas singulares. É por isso que cada um extrai o máximo de gáudio de sua própria consideração quando consideram em si algo que vê como em falta nos outros. Mas se relaciona o que afirma sobre si próprio à ideia genérica de homem ou de animal, em comparação com as de outros, são inferiores, ele se entristeça, mas se esforçará por afastar essa tristeza, o que fará interpretando desfavoravelmente as ações de seus semelhantes ou exagerando as suas tanto quanto pode. Fica claro, pois, que os homens estão, por natureza, propensos ao ódio e à inveja, o que é reforçado pela própria educação. Com efeito, os pais têm o costume de incitar os filhos à virtude, tendo como únicos estímulos à busca de honrarias e a inveja. Subsiste, entretanto, talvez, alguma dúvida, pois não é raro admirarmos as virtudes dos homens e venerá-los [...]

Eis o homem. E, assim é que ele deve ser conhecido – sem idealismo, em sua perfeita realidade (ESPINOSA, 2008, EIID6, p. 81). Só assim, suportar-se-á o insuportável, pois o que foi dito insuportável, na verdade, sem pós-verdades, é puramente suportável pelo homem com o intelecto reformado – sem se esconder em fantasias de um porvir ou um devir redentor – porque humano – estritamente humano.

Uma ética que ao mesmo tempo represente uma medicina de sua mente humana para desnudado de todo idealismo, finalmente se encontre consigo mesmo sem medo e sem esperança para aceitando seu modo perfeito e real de ser, encontre e compreenda o que de divino ou natural resta em si e decida ativamente, enquanto em si, perseverar a expressão do natural que descobre em si.

#### 4 POR UMA ÉTICA: POR UMA ÉTICA NATURAL

No comportamento humano – no *ethos* humano – não há nada diferente do humano – simples! assim: tudo na natureza do homem é humano. Não é a pedra – nem o rio – nem o tigre – nem o vento – nem a chuva – quem cria a guerra do não discurso direto: é o ser humano que numa linguagem distante do real se esconde de si mesmo. Quem sabe – haverá o dia no qual o ser humano jogue fora suas máscaras – todas as máscaras – e, como o Narciso ativamente mate a bela imagem que cria de si mesmo – e, simplesmente, se veja no lago-espelho da existência como real e perfeitamente ele é. Talvez os deuses possam – um dia – ordenar que no local de sua despedida dos seus primitivos sonhos infantis de uma fantasiada inocência inexistente – surja uma bela flor de pristina realidade. Quem sabe? Mas, como os deuses não existem – é melhor, saber que o ser humano é o ser humano: não é a pedra – não é o rio – não é o vento... Não é a flor. O ser humano não é uma flor à beira de um límpido lago grego.

Ao perceber que o insuportável – se dito insuportável – é perfeitamente suportável – e, de que não há qualquer possibilidade de retorno, – o ser humano – finalmente sabe – que só lhe cabe metamorfosear sua razão – *emendar* sua razão – de uma ideia de intenção pura, de uma pura motivação racional (não tenho a mínima ideia do que Kant quer dizer com isto – portanto, como ele afirma, eu devo ser completamente imoral – amoral – não devo ter qualquer resquício de uma moral do dever – será?) (KANT, 2013, p. 49) – para a intuição espinosana das coisas por suas causas adequadas ou suas causas matérias-motoras: conhecer as coisas por uma razão afetiva (esta eu conheço bem, desde sempre – desde o início de meu tempo no tempo da existência em ato – desde o nascimento para esta Vida).

Essa posição implica se responsabilizar! por sua vida – como um cavaleiro que nada mais tem a perder por ter desnudada sua realidade – e, assim, ativa – solitariamente – com o outro – também um outro solitário em sua infinita e dolorosa solidão – ir em frente – perseverando em seu ser – enquanto sua potência atual de existir permitir – com o outro com a mesma força de ser em si mesmo – atirar-se – atirarem-se junto ao mundo – sem medo e sem esperança – porque sabe-sabem que o que *Deus sive Natura* ordena<sup>8</sup> jamais de nenhuma forma pode – poderá – ser transgredido.

Reformada sua inteligência – metamorfoseada sua razão – sabe o ser humano que deve procurar conhecer e, radicalmente, colocar em prática, o que de divino nele resta em si mesmo. Ética e *práxis* – como Espinosa pensara – passam a serem movimentos humanos sinônimos, necessariamente determinados pelas infinitas leis naturais que regem todo o universo inteiro das coisas por *Deus sive Natura* em *Deus sive Natura*.

Será que isto um dia irá acontecer? Penso que é melhor imaginar que nunca o ser humano conheça por uma razão afetiva seus sentimentos, suas ideias e seus atos – assim, jamais conhecerá o que *Deus sive Natura* lhe ordena. Deste modo, realisticamente, sabendo que o eu e o outro não se conhecem adequadamente – não conhecem seus afetos, suas ideias e seus atos por sua causa próxima material-motora – pelo menos estar-se-á atento para o surgimento de infinitas ideias inadequadas das coisas, principalmente dos afetos humanos, que resultam em atos inadequados. Se não puder reformar seu intelecto, que o ser humano esteja em alerta para

---

<sup>8</sup> O verbo ordenar é usado com o significado de mandar e organizar ao mesmo tempo.



qualquer ideia mutilada ou incompleta da realidade – para qualquer ideia que não em consequência do que Deus ordena.

Eis uma característica do esclarecimento real e de uma real ética radical, portanto, necessariamente, natural – o trabalhar com a perfeita realidade das coisas – deliberada e ativamente evitando qualquer forma de idealismo conceitual – qualquer posição na qual não haja entre afeto, ideia e ato a correspondência determinada pela simples natureza das coisas. Tudo que existe na extensão do mundo, existe no pensamento do mundo – “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (ESPINOSA, 2008, EIIP7, p. 87) de *Deus sive Natura* em *Deus sive natura* por *Deus sive Natura*. Sabendo-se que, o que *Deus sive Natura* ordena – jamais por qualquer modo existente em Deus por Deus – pode ser transgredido.

Eis o novo-velho paradigma para o *ethos* do universo das infinitas coisas finitas que necessariamente tem que obedecer ao que *Deus sive Natura* ordena. Como um príncipe que sabe que certamente um dia – se não morrer antes – será o rei – sem medo de que o que está posto aconteça e sem esperança de que o que está posto não aconteça – se atira ou vai ao mundo como ser humano que ele é – sem medo e sem esperança – absolutamente atento, conscientemente presente e focado no conhecimento da interdependência necessária e absolutamente existente entre todas as infinitas coisas do universo inteiro ordenada por *Deus sive Natura* – o ser humano – como ser humano – se atira livre e autônomo, ao mundo, como o mundo é – para ser, estar, operar, existir e viver em si mesmo em *Deus sive Natura* por *Deus sive Natura*. Eis o que mais de radical existe – ser a mais próxima expressão de sua natureza em Deus.

Se algo acontece no universo extensional das coisas, simultaneamente à ideia desse algo extensional acontece no universo pensante das coisas. Se algo acontece na extensão, necessariamente é representado no pensamento. Assim, não há a impossibilidade de representação para algo que acontece no mundo da extensão – essa possibilidade (necessária) de reprodutibilidade de fatos além do entendimento dito normal idealmente pensado deve ser assumida. Todo ato que um ser humano tenha realizado – por mais terrível que possa ser interpretado ou julgado – como a infeliz ideia imaginada por Abrão de que Deus lhe ordenara matar seu filho Isaac – sim, essa infeliz ideia imaginada, pode se repetir. E, o ser humano, deve estar ciente da possibilidade de sua repetição, para, assim, pronto impedir que algo desta natureza aconteça – pois, algo desta natureza só pode existir por uma interpretação inadequada ou mutilada por parte do ser humano do que acontece – *Deus sive Natura* jamais ordenaria a um pai que ele matasse seu filho – visto que se Deus o assim tivesse ordenado, a este coitado pai só caberia obedecê-lo – perceber, então, que conclui por imaginação, não por razão e muito menos, por intuição ou razão afetiva (Deus jamais ordenou que Abrão matasse seu filho Isaac – esta ideia é apenas interpretação humana mutilada de Abrão sobre o que Deus possa ter lhe dito). Sabendo que é da natureza humana a possibilidade de uma compreensão mutilada da realidade das coisas – o ser humano deve estar pronto e alerta para impedir que fatos que diminuam a potência atual do mundo existir possam ser estes fatos mais rapidamente impedidos de se expressarem.

Eis! a ética espinosana – uma ética radical e natural – que responsabiliza cada um dos seres humanos e, ao mesmo tempo, todos os seres humanos – para conhecida a natureza humana como perfeita e realmente ela é – sem as infinitas fantasias humanas infantis sobre um possível comportamento idealizado – serem seres humanos em sua plenitude, por um conhecimento intuitivo – por uma razão afetiva – de si mesmo e do mundo – por um conhecimento intuitivo de *Deus sive Natura* – do amor intelectual de Deus – que se expressa segundo seus infinitos modos infinitos por seus infinitos atributos infinitos em *Deus sive Natura* por *Deus sive Natura*.

## 5 UM TEMPO: O INÍCIO DO TEMPO

Por que o homem precisa de um condutor? Não pode simplesmente ir ao mundo ou se jogar no mundo que se mostra à sua frente? Não pode confiar em si? em si e no outro? – no amigo que lhe acompanha no mundo do existir em ato desde sempre? A modernidade engrandece o homem – por quê? para que? Por que o homem precisa carregar a modernidade que o engrandece? Quem é esse homem ou mulher que carrega a modernidade? O que é modernidade? Muitas são as dúvidas – muitas são as perguntas por séculos de ausência de um discurso direto.

O homem se esconde de si mesmo – do outro. Precisa imaginar-se o que não é – o rei de um reino – ou um império dentro um império – por que se conceber fraco, pequeno e vulnerável. Por quê? o homem não se contenta em se enxergar como se vê no espelho de lago grego translúcido – como ele é? Medo – insegurança – terror – de si mesmo – do outro – de sua pulsão de morte ou agressiva que não encontra a reparação na pulsão amorosa nem na pulsão do conhecer – que o outro não lhe ajuda a reparar – assim, ele permanece imaginando – fantasiando respostas para si, para as suas dúvidas. Sonha – projeta o seu mundo no mundo que deixa de conhecer por aquilo que o mundo é. Por pensar-se pequeno – o homem, para se tranquilizar, se engrandece – imagina-se um império dentro de um império – o senhor de um reino – um império e um reino que existem apenas em seus infantis-adultos pensamentos fantasiados. Um coitado pequeno grande homem pobre rico.

O homem – por alguma coisa sua – foge de si – foge do conhecimento de sua essência e potência atual – conhecimento este que só se tornar possível com a presença do outro. Uma coisa só tem o conhecimento de si por uma alteração em si produzida pelo outro. Inseguro de si, inseguro do outro – com medo, muito medo – com ansiedade e pânico do desconhecido à frente – tentando se proteger, ele constrói um fardo ainda maior do que seria deixar-se livre em seu desconhecido, mas real ser no mundo. Inventava um super-homem – um semideus – um indivíduo que não existe – que existe apenas em sua imaginação – um super-homem que o deixa em si mesmo paralisado: passivamente para e não segue em frente para a vida a sua frente que lhe espera pronta para ser vivida. Espera amanhã – e – amanhã será amanhã – nunca será o hoje.

Inventa um ser que, não conseguindo ir além do óbvio – para dentro de si mesmo, não consegue ir além de si mesmo. Assim, não conhece o outro. Desconhece o outro como outro – o outro é concebido como um prolongamento de si – que sabe não conseguir lidar – o que aumenta sua insegurança e, assim, novamente, tudo recomeça: um eterno retorno do não pensar – de um pensar sem alma – o pensar sem mente de um homem Bento Espinosa designa como o autômato sem mente ou sem alma – não o homem livre: o autômato espiritual. Ele não entende pela razão e muito menos por uma razão afetiva. Torna-se um ser-ente totalizante – nunca um ente – nunca um *esse* – muito menos um ente inteiro em si e com o outro – em *Deus sive Natura* por *Deus sive Natura*. Totalizante (em algo inominável – perfeitamente nomeável), ele não integra suas pulsões em si mesmo.

Não conseguindo ir além de si – interna e externamente – torna-se um homem que não é homem: um indivíduo que não é um indivíduo. Vazio – carente de si – na mais terrível das solidões – a solidão de si mesmo – não vê a si como é, não consegue ver ao outro como o outro realmente é – o outro é percebido como o complemento de um de suas faltas – de algum aspecto que se imagina privado. O outro vem como a solução – a salvação do algo inexistente – porque atribui ao outro, esta imaginariamente fantasiada capacidade de resolver a acreditada falta. Nem ele está em falta – nem o outro tem qualquer solução para o que não lhe falta. Ou – se falta – o que falta ao homem? Talvez, lhe falte o esclarecimento pela causa adequada de si, do outro, do mundo – de *Deus sive Natura* em *Deus sive Natura* por *Deus sive Natura*.

Como é difícil ao homem constatar que o que há no encontro de dois homens é o encontro de dois homens – dois entes – de duas coisas – duas coisas em si – estabelecendo

imediate e necessariamente uma relação – estabelecendo em si mesmos uma relação de interdependência entre estas coisas que se encontram – absoluta e necessariamente determinada pelas leis da natureza – pelas infinitas e eternas (necessária) leis de *Deus sive Natura*. Apenas um encontro natural de duas ou mais coisas naturais que ao se encontrarem com suas respectivas essências e potências atuais (naturais) estabelecem uma relação natural de absoluta e necessária interdependência segundo as leis da natureza de *Deus sive Natura*. Apenas um encontro em um instante presente, acontecendo em cada um dos infinitos momentos destes infinitos encontros em infinitos instantes presentes sempiternamente presentes na marcha inexorável do tempo no presente. Eis a eternidade – reencontrada.

Porém, uma maioria permanece sem percebe a visibilidade da conceituada invisibilidade da realidade que grita à frente de seu rosto anímico no rosto do outro. Pensando protegido em sua fortaleza de conceitos totalizante, em uma pós-verdade totalizante, completamente desligada da perfeita realidade das infinitas relações de interdependência das coisas existentes em ato – o homem prende-se – acorrenta-se – a um ídolo. Inventa muitos mundos – inúmeros mundos possíveis – impossíveis – visto o que existe é um só e mesmo mundo – este que se apresenta a sua frente – pronto! esperando o homem para ser experimentado e vivenciado.

Idolatria – ideologização do mundo – de um mundo cindido, dividido e clivado por suas fantasias persecutórias. No início dos tempos, o homem deve ter percebido que precisava de sua mãe e de seu pai para sobreviver – o homem nasce antes do tempo, dizem alguns. Fantasia! – o homem nasce assim como nasce – conforme sua natureza humana que ordena que haja a presença do outro para sobreviver – é necessário um cuidador (mãe, pai, tia, avô...) para que consiga sobreviver. Fraqueza? Por que? não se pode designar fraqueza ou vulnerabilidade o que é natural – o que é natural do homem – simplesmente é assim porque assim é que deve ou tem que ser assim ordenado por Deus em Deus – *Deus sive Natura*.

O homem pensa – por muitos séculos – ser possível encontrar a verdade na ideia de um conceito puro – encontrar a redenção na ideia de um conceito – sem perceber que todo e qualquer conceito é construído por alguém e, portanto, nenhum conceito não é encontrado senão no fluxo funcional resultante de uma simples célula denominada neurônio. O homem acredita que este conceito puro – que imagina existir antes de tudo – à priori – uma Forma ou uma Ideia – em outro mundo possível, um mundo possível de Formas e Ideias e de imperiais mandamentos categóricos – um mundo só possível na imaginação de um homem sem alma – desvela a si, ao outro e a coisa. Um conceito puro – por uma intenção pura – sequestra a verdade – uma pura verdade imaginada – um puro mandamento do dever – uma pura *res mentalis* – que, por não guardar qualquer relação com o universo inteiro existente em ato neste exato instante presente, prende o homem – acorrenta ao homem a infinitas elucubrações mentais, intelectuais categoricamente impostas a si mesmo por um puro si mesmo o qual, contudo, não mantém qualquer relação com sua real natureza – com sua essência atual e sua potência atual. Perdido! com seu delírio de puro agir segundo um dever categórico por conceito puro em razão uma pura motivação – puro sem a contaminação da sensível afetividade – sem a carga afetiva que inexoravelmente acompanha qualquer ideia o que o homem consegue é ter os pés bem firmes nos céus de sua pura ignorância.

Adorno afirma que toda e qualquer violência é uma forma de assassinato. Há na modernidade – ou pós-modernidade – ou pós-pós-modernidade (como o homem gosta de violentar o tempo – assassinar o tempo e a vida com o conceito – com a criação de um conceito desnecessário) – uma sensação de vazio – um vazio imaginado que se procurado, não é senão encontrado no imaginário – mas, admitido sem ter sido procurado, gera a passividade enquanto construções conceituais que desnaturalizam o natural – cria-se um ente imaginário – um ente racional idealizado que nada tem a ver com o ente perfeito que existe em ato na perfeita realidade da natureza. Violenta o esclarecimento – assassina o entendimento – apaga a clara percepção do real – acaba na mais profunda escuridão. Violentando o ser do ente da coisa – da

coisa que é em si mesmo por *Deus sive Natura* em *Deus sive Natura* – assassina Deus – esquece o outro a quem deve a vida – assassina o outro. Morre! assim, o homem morre.

Desmascarado! desmente a possibilidade do pensamento puro que não envolva a perfeita realidade do mundo que existe. Desmascarado pela percepção da existência do tempo, da impermanência ou temporalidade das coisas enquanto coisas, o *esse* – se é o isso existe – ou o fluxo mental de neurônios quaisquer que é denominado *esse* – ou para em si mesmo ou outro – vendo a beleza do real – atira-se ao mundo como o mundo existe e se apresenta – como ele, o algo e o outro (*esse – aliquid - alium*) são enquanto coisa (*res*) indivisível (*unum*), cognoscível da sua unidade-identidade-singularidade (*verum*) na perfeita realidade de sua singularidade (*bonum*) na e pela absoluta necessidade (*necesse*) de Deus (*Deus sive Natura*) por Deus (*Deus sive Natura*) em Deus (*Deus sive Natura*) . (AERTSEN, 2003, p. 13-20).

Apenas em um dia podem acontecer todas as tragédias que o mundo possa conceber – mas, em um instante – em um simples e único instante presente – tudo pode recomeçar, se houver como recomeçar. Com quem o homem pode contar neste dionisíaco festival de destruição – união – ressurreição que é sua existência enquanto manifestação em ato? Com Deus – *Deus sive Natura* – enquanto o universo inteiro existir, lá – debaixo de uma pedra – o homem O encontra. Encontra Deus, a Natureza, a Vida. Pode contar com o universo inteiro infinitos modos infinitos e finitos – com o universo inteiro das coisas – onde ele se encontra com *Deus sive Natura* – com o outro – o que permite que conheça a si pela relação de interdependência com o outro absoluta e necessariamente determinada por *Deus sive Natura*. Em apenas um simples instante presente em ato o homem pode recomeçar. Sempre é possível recomeçar.

## **6 A EXISTÊNCIA DE UMA ATEMPORARIDADE: A ETERNIDADE PRESENTE NO INSTANTE PRESENTE EM ATO**

Sigmund Freud e Melanie Klein nos ajudaram a desvendar o mundo inconsciente do ser humano. Freud apresenta o que chama de pulsão de morte – um desejo de retorno a um estado anterior – a um estado inanimado – inorgânico. Klein argui a existência de três pulsões: a amorosa, a agressiva e a de conhecimento. Klein parece ter lido Bento Espinosa – apesar de não existir qualquer referência ao filósofo em sua obra e em sua bibliografia. A neurociência pensa na existência de um instinto de auto conservação intrínseco ou imanente ao ser humano – um instinto natural ao indivíduo com o qual ele procura, enquanto em si, se preservar ou perseverar em seu ser no tempo, existindo em ato. A pulsão de morte freudiana ou a pulsão agressiva kleiniana contribuiriam para a não integração adequada do aparelho psíquico – o ser humano, desta maneira, fica preso a uma visão infantil dicotômica das coisas existentes característica dos estágios iniciais ou infantis do seu desenvolvimento mental.

Klein claramente afirma que a pulsão agressiva – os afetos internos agressivos decorrentes de uma intensa ansiedade de aniquilamento e despedaçamento do indivíduo – levam a clivagem de seu aparelho psíquico em uma parte boa e outra má – uma mãe boa e uma mãe má – um mundo bom e um mundo mau. Se em um primeiro momento, essa cisão possa resultar em certo alívio do sofrimento – simultaneamente, contudo, provoca o enfraquecimento de sua potência de existir e de sua energia para agir. Se conseguir vencer esta fase do desenvolvimento, o ser humano deixa de procurar culpados fora de si – procura conhecer o que é de sua responsabilidade (culpa) – que é o que ele como ele é – como o ser humano que ele é – realmente pode conhecer, entender, lidar e reparar. Entende, deste modo, a si mesmo e ao mundo como coisas inteiras – nem boas nem más – coisas que são – coisas que simplesmente são como são – ou, são como têm ser pelas leis naturais do universo inteiro das coisas que por serem leis naturais (divinas) a nenhuma coisa é permitida a sua transgressão. Enquanto isto, o tempo passa.

Só o homem que consegue passar pela fase kleiniana depressiva do desenvolvimento psíquico consegue ter uma percepção ou uma concepção adequada de si e do mundo no qual

ele vive. (KLEIN, 1996, p. 347). Ele sabe que não há tempo a perder – sabe há um tempo para viver – e, se possível, por seu *conatus* vive pleno ou o mais pleno junto ao outro – com o outro no mundo – que sua própria natureza permitir. Este homem consegue desmamar-se de suas infinitas fantasias infantil, e, assim, pode tentar enfrentar os estímulos desagradáveis de que é alvo e à frustração de seu prazer com a vivência dos correspondentes sentimentos de ódio e agressão. Integrado consegue lidar, aceitar, elaborar e reparar os seus sentimentos, ou seja, consegue reparar seus sofrimentos. Isto lhe é possível. Ele consegue este resultado unificador, com a ajuda de seus objetos externos – o outro – o seio de sua mãe – a sua mãe como pessoa inteira – o seu pai – que lhe serve de continente amoroso para aqueles seus afetos destrutivos o que lhe vai permitir sua integração. Desde sempre, desde os seus três meses, o homem que se integra em si mesmo sabe da importância do outro (mãe-pai-cuidador) para que esta integração aconteça. (KLEIN, 1996, p. 331-345). Klein se questiona sobre o que é o ser do homem. Pergunta-se ‘o que somos?’. Se respondendo, ela afirma que somos

[...] tudo de bom e de mau pelo qual passamos desde os nossos primeiros dias de vida; tudo o que recebemos do mundo externo e tudo o que sentimos no nosso mundo interno: experiências felizes e tristes, as relações com as pessoas, atividades, interesses e pensamentos de todos os tipos – ou seja, tudo o que vivemos – faz parte de nós mesmos e ajuda a construir nossa personalidade. (KLEIN, 1996, p. 379-380).

Com o que ele é – o homem construirá o mundo. Como ele entender que é ‘o seu ser em si mesmo’ (se é que isso – o eu – realmente existe) – o homem construirá o mundo. Como ele entender os seus afetos, compreender suas ideias, construir seus conceitos, decidir como atuar ele, finalmente, atuará (agindo ou sofrendo) no mundo, o construindo. Há uma só e mesma verdade: a perfeita realidade das coisas existente em ato no instante presente eternamente presente no presente. É duro! mas esta é a verdade – a única e pristínica verdade do universo inteiro das coisas – incluindo a Deus: *Deus sive Natura*.

Não há necessidade de uma moral com deveres – segundo quaisquer imperativos categóricos ou não categóricos – imperativos, esses, baseados em um império dentro de um império, causados por uma motivação pura idealizada – uma intenção pura que, porém, nunca foi encontrada em nenhum local no universo extensivo ou pensante de *Deus sive Natura*. Há necessidade de uma ética baseada no *ethos* – é o que deve ser construído no século que se inicia: ética enquanto *ethos*. Somente, isto – e, não há porque o medo de que o homem não saiba lidar com tamanha liberdade. Por que tanta insegurança ou desconfiança de que o homem possa comandar sua vida sem a ajuda empobrecedora de qualquer superstição: mítica, religiosa, filosófica, psicanalítica, científica...? Espinosa: “diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” (ESPINOSA, 2008, EID7, p. 13). Uma ética humana – estritamente humana que respeite o universo das coisas como *Deus sive Natura* o criou.

Um homem ativo por si mesmo a partir do conhecimento adequado de si mesmo. Um homem ativo a partir do conhecimento adequado de seus afetos, de suas ideias e de seus atos. Não um campo de caça – como dito em *Dialética do Esclarecimento* por Adorno e Horkheimer – mas um campo de eterno encontro com o outro com os mesmo direito de ali estar, enquanto em si, perseverando em seu ser (ESPINOSA, 2008, EIIP6, p. 173). À coisa cabe ser ela mesma – que coisa? Todas as coisas – nisso, inclui-se a Deus – que só pode ser quem ele é: ser quem é – Deus – o que é (*ego sum qui sum*). (A BÍBLIA..., 1985, Êxodo 3,14). A coisa enquanto

*esse, ens, res, necesse, aliquid, alium, unum, verum, bonum, motus*<sup>9</sup> – ou nada disso, visto que isso só existe enquanto *res mentalis*<sup>10</sup> ou *res rationes*<sup>11</sup> – como uma simples coisa pensada.

O homem precisa conhecer as coisas por aquilo que elas são em sua perfeita realidade – como modo finito de *Deus sive Natura* determinado por *Deus sive Natura* e expresso em *Deus sive Natura*. Para que isso aconteça, para conhecer que as coisas por suas causas adequadas, o homem precisa ter o seu funcionamento de sua alma enquanto os elementos afetivos e cognitivos por intuição – por uma razão na qual o afeto é sua essência e potência em ato – sua essência e potência atual.

A eternidade sempiternamente é encontrada ou reencontrada na mistura do sol com o mar – sempre é conhecida do encontro de uma coisa com outra coisa. O tempo segue ao encontro do eterno presente no instante presente em ato. Neste instante, no eterno instante presente, presente no presente, resta toda a essência e potência atual da coisa(s) para existir e para agir – e, o encontro com o necessário e absoluto eterno é o instante magno da expressão de si em *Deus sive Natura*.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de 1914-1918 nada será como antes. Nos anos seguintes, acontece a maior de todas as guerras com as suas conhecidas consequências. Após o final de uma sequência de duas guerras no coração do mundo europeu, o filósofo Adorno se questiona como se pode seguir pensando depois de Auschwitz. Viveu-se no século XX, um momento histórico, onde muitos homens morreram devido à lógica de uma ideia (FISTELLI, 2006, p. 636). Morreu-se por uma ideia imaginária ou por um ideal imaginado como verdadeiro – matou-se por uma ideia ou por um ideal. Uma imagem (uma ideia imaginária) escureceu a mente humana e o respeito à importância da vida humana. No século XX, o homem se deixou levar por algo que chamou de razão agindo por dever a uma lei moral baseada em sabe-se lá o que (talvez, uma vontade de intenção pura); mas que no fundo, não passou de sua conhecida tendência a imaginar o que bem quiser como causa ou justificativa para seus atos. Apesar disto, deve-se seguir tentando compreender como os seres humanos pensam e agem.

Atualmente, vive-se a época do empirismo, do cientificismo e do individualismo. Como, então, pensar o homem e o seu comportamento (ético) nos dias atuais? Muitos autores modernos retornam ao estudo dos filósofos clássicos, como, por exemplo, Aristóteles e Tomás de Aquino. Anscombe (2010, p. 19), em seu artigo *A Filosofia Moral Moderna*, diz que “não nos é proveitoso fazer filosofia moral na situação presente: essa empreitada deve ser deixada de lado até dispormos de uma filosofia adequada da psicologia, de que conspicuamente carecemos”. Não se pode falar em uma filosofia moral sem que tenha com clareza uma filosofia da psicologia e da neurociência para que sejam entendidas as leis naturais do cérebro e suas correspondentes leis da mente. Anscombe parece indicar a necessidade de se conhecer o que é a natureza humana.

Então, a pergunta: o que é esta natureza humana? Houve várias tentativas na história humana de explicar o que é a natureza humana – algumas místico-religiosas, míticas ou pseudocientíficas onde se constata o contentar-se com o pensamento imaginário e fantasioso de ouvir dizer que é assim, ou de uma experiência vaga de algo sem saber se aquilo que é chamado

---

<sup>9</sup> A coisa enquanto ser, ente, coisa, necessidade, algo, outro, uno, verdade, bondade e móvel. A introdução de *motus* como transcendental é ideia do ensaísta para afirmar que Deus – o primeiro motor – move-se em si mesmo por si mesmo sem que em si aconteça qualquer mudança.

<sup>10</sup> Coisa mental.

<sup>11</sup> Coisa racional.

de causa é realmente sua causa ou um mero acaso ou sorte de coincidirem ou coexistirem no tempo e espaço ou tratar suas propriedades como sendo sua causa.

Com o desenvolvimento da neurociência, tem-se especulado e descoberto as bases neurais de algumas condutas humanas. Com as descobertas dessas bases neurais do comportamento humano, da possível causalidade desse agir, como determinar o que é ético? A neurociência ainda precisa de uma filosofia que a explique acuradamente; por enquanto, ela faz uso de termos vindo de outras áreas do conhecimento humano, o que gera certa imprecisão em suas comunicações. Uma importante descoberta da neurociência parece indicar que há correspondência de alterações ou afecções neurais, com alterações ou afecções na mente, o que leva ao pensamento do filósofo Bento Espinosa que assim pensou no século XVII. Portanto, é atual e necessário estudar as ideias desse importante filósofo para o estabelecimento de uma ética – uma ética radical – que sendo medicina da alma humana – leve o homem ser o homem pleno que ele pode e deve ser.

Como em 1662 – em 2021 – hoje, é absolutamente necessário que seja feita uma reforma ou emenda do intelecto ou da inteligência – por uma medicina da alma – para que o homem consiga conhecer a natureza das coisas – a essência e potência atual das coisas – na perfeita realidade de *Deus sive Natura* por *Deus sive Natura* em *Deus sive Natura*.

Retoma-se o diálogo transecular – transcendental – imanente a *Deus sive Natura* – onde tudo o que existe sempre existe em ato, no presente, no eterno instante presente:

ESPINOSA – Você entende o que eu quero dizer?

ADORNO – Penso que sim – mas ...

ESPINOSA – Mas?

ADORNO – Se eu aceitar e concordar com o que você afirma – eu não mais posso culpar o mundo por meus problemas – eu sou o único culpado – o único responsável por minha vida – o único responsável por minha vida e pela vida do outro – eu sou o único responsável por minhas falsas interpretações da realidade dos meus sentimentos, de minhas ideias, de meus conceitos e de meus atos...

ESPINOSA – Sim! você compreendeu. E, agora, viva com isto. Adeus.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Tradução École Biblique de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido A. Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AERTSEN, J. **La filosofía medieval y los transcendentales**. Navarra: Ediciones Univesidad de Navarra, 2003.

ANSCOMBE, E. A filosofia moral moderna. In: ZINGANO, M. **Sobre a ética Nicomaquéia de Aristóteles**. São Paulo: Odysseus, 2010.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ESPINOSA, B. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Tradução Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ESPINOSA, B. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FISTELLI, F. Hannah Arendt: a banalidade do mal. *In*: CAILLÉ, A.; LAZERRI, C.; SENELLART, M. **História argumentada da filosofia moral e política**: a felicidade e o útil. Tradução Alessandro Zir. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

FREUD, S. **Sigmund Freud: além do princípio do prazer**. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Obras completas, v. 18).

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução Manoela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão**. Tradução Elias Mallet da Rocha *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Recebido em: 17/08/2021

Aceito em: 23/11/2021